

OBITUÁRIO AMBIENTAL: PERSPETIVAS ECOCRÍTICAS EM SU TONG E JOSÉ EDUARDO AGUALUSA**ENVIRONMENTAL OBITUARY: ECOCRITICAL PERSPECTIVES IN SU TONG AND JOSÉ EDUARDO AGUALUSA**Flávio Fraga da SILVA¹

RESUMO: Este estudo comparatista visa analisar, sob a óptica da ecocrítica e dos estudos pós-humanistas, um conjunto de obras literárias de Su Tong e de José Eduardo Agualusa. Os *corpora* selecionados compreendem algumas obras da coleção *Rua dos Mognos* 香椿树街系列 – nomeadamente *Huangque ji* 黄雀记 (*Crónica do pintassilgo-verde*), *Chengbei Didai* 城北地带 (*Zona Norte*) e “Shujia xiongdi” 舒家兄弟 (“Os irmãos Shu”) –, de Su Tong, e *Teoria geral do esquecimento*, *O vendedor de passados* e *Estação das chuvas*, de Agualusa. A análise está centrada em três eixos principais: 1) A representação da degradação ambiental em ambos os autores e as suas nuances específicas; 2) O meio ambiente enquanto reflexo da decadência social e humana/humanista; 3) As principais interligações e implicações no âmbito da ecocrítica e dos estudos pós-humanistas. No que concerne à metodologia, são utilizadas ferramentas de análise literária, nomeadamente a análise temática e textual comparativa e a alegorese – tomando em consideração os respetivos contextos socioculturais subjacentes às narrativas –, assim como uma abordagem dialógica, articulatória e perspetivista fundeada no trabalho de intelectuais e investigadores como Rosi Braidotti, Pramod Nayar e Giorgio Agamben.

PALAVRAS-CHAVE: Ecocrítica. Pós-humanismo. Antropocentrismo. Degradação ambiental. Literatura contemporânea.

ABSTRACT: This comparative study aims to analyze, from the perspective of ecocriticism and post-humanist studies, a set of literary works by Su Tong and José Eduardo Agualusa. The selected *corpora* include some works from the Mahogany Street series 香椿树街系列 – namely *Huangque ji* 黄雀记 (*The tale of the siskin*), *Chengbei Didai* 城北地带 (*North Zone*) and “Shujia xiongdi” 舒家兄弟 (“The brothers Shu”) – by Su Tong, and *Teoria geral do esquecimento*, *O vendedor de passados* and *Estação das chuvas*, by Agualusa. The analysis is centered on three main axes: 1) The representation of environmental degradation in both authors and their specific nuances; 2) The environment as a reflection of social and human/humanist decadence; 3) The main interconnections and implications within the scope of ecocriticism and post-humanist studies. Regarding methodology, literary analysis tools are used, namely comparative thematic and textual analysis and allegoresis – taking into account the respective socio-cultural contexts underlying the narratives – as well as a dialogical, articulatory and perspectivist approach based on the work of intellectuals and researchers such as Rosi Braidotti, Pramod Nayar and Giorgio Agamben.

KEYWORDS: Ecocriticism. Posthumanism. Anthropocentrism. Environmental degradation. Contemporary literature.

1. Mestre em Literatura Moderna e Contemporânea Chinesa pela Universidade de Nanquim, Flávio Fraga da Silva é atualmente doutorando em Estudos Comparatistas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. E-mail: fm.fragadasilva@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-8423-058X>.

Introdução

As obras de Su Tong 苏童 (1963-) e de José Eduardo Agualusa (1960-), analisadas neste ensaio, exploram, de modo minucioso e incisivo, a relação íntima entre a degradação ambiental e a decadência humana/humanista nas sociedades antropocêntricas modernas – mais especificamente em Suzhou e Luanda, no século XX –, abrindo perspectivas relevantes sobre as dinâmicas subjacentes à nefasta antropocentricidade que marcou, e tem marcado, a história recente da China e de Angola. Os romances *Chengbei Didai* 城北地带 (*Zona Norte*) (1994) e *Huangque ji* 黄雀记 (*Crónica do pintassilgo-verde*) (2013) e o conto-novela “Shujia xiongdi” 舒家兄弟 (“Os irmãos Shu”) (1989), de Su Tong, constituem um ponto de partida apropriado: integradas na coleção literária *Rua dos Mognos*², estas narrativas gravitam em torno de uma rua fictícia (homónima) antiga e muito suja, flanqueada por um rio extremamente poluído, e com uma série de casas velhas, feias e miseráveis, onde vivem muitos personagens problemáticos, perfeitamente hostis ou negligentes em relação ao meio ambiente que os circunda.

Numa perspectiva comparatista, debruçar-nos-emos em simultâneo sobre as obras selecionadas de Agualusa – *Estação das chuvas* (1996), *O vendedor de passados* (2004) e *Teoria geral do esquecimento* (2012) –, mais familiares ao leitor ocidental. Estas traçam um retrato de uma Luanda profundamente abalada pelos efeitos devastadores da Guerra de Independência de Angola (1961-1974) e da Guerra Civil Angolana (1975-2002, com interrupções), durante as quais o meio ambiente envolvente foi submetido a contínuos atos de destruição, brutalidade e negligência (agravados por períodos de seca), chegando a colocar em risco a sobrevivência das populações humanas e não-humanas.

Esta investigação pretende aprofundar a compreensão da representação do meio ambiente nas obras destes autores e o papel que este desempenha nos seus universos literários, em particular a significância alegórica da degradação ambiental enquanto espelho da profunda decadência social e humana/humanista que assombra estas narrativas. Espera-se que os resultados da investigação contribuam para uma compreensão mais abrangente do modo como a relação problemática entre a sociedade antropocêntrica e o meio ambiente é explorada nas literaturas contemporâneas sinófonas e lusófonas, com vista a complementar investigações académicas como as apresentadas em *Ecocriticism and Chinese literature: imagined landscapes and real lived spaces* (2022) e *Environmental postcolonialism: a literary response* (2021), contribuindo assim para o alargamento das perspectivas nas áreas da ecocrítica e dos estudos pós-humanistas aplicados à esfera literária.

2. Publicada entre 1984 e 2013, esta coleção é constituída por três romances, sete novelas e 51 contos (Silva 2021, p. 18).

1. Ecotombe

A *ecotombe* aqui descrita está intimamente associada ao tropo do “obituário ambiental” que permeia os *corpora* selecionados. Um dos seus aspetos mais emblemáticos, nas obras de Su Tong, é a inexistência de mognos na Rua dos Mognos (SU, 2013c, p. 5; 2015, p. 12): o seu homónimo constitui, deste modo, um perfeito símbolo da degradação ambiental e do inexorável sentimento de perda que permeiam toda a coleção *Rua dos Mognos*. Este interessante recurso estilístico, que eu designo por **metonímia espectral**, tem, a meu ver, o potencial de conceber, veicular e enfatizar novas perspectivas ecocríticas na literatura contemporânea de um modo alusivo e criativo. Outro exemplo curioso deste artifício surge em *Huangque ji*, no qual o abate massivo de árvores na vila de Bosque-de-Áceres 枫林镇 (2015, p. 142), nos arredores de Suzhou, leva a que o topónimo desta vila passe a assumir um *eco-simbolismo* idêntico ao da Rua dos Mognos.

Porém, a representação da degradação ambiental nestas obras não é somente implícita: outrora um cenário pitoresco, o rio estreito que flanqueia a Rua dos Mognos encontra-se “repleto de lixo, resíduos tóxicos e animais mortos”,³ fazendo com que “as suas águas escuras e fétidas pareçam um autêntico esgoto a céu aberto” (2013a, p. 49), estando até na origem de uma doença dermatológica que afeta vários moradores (2013c, p. 161, 200). Mais importante: este rio está tão poluído e contaminado que “chega a corroer a vida dos que vivem em seu redor” (2013a, p. 77). Por outras palavras, o “progresso” humano desbridado e altamente industrializado, aqui descrito, tem um impacto dramático no ambiente, o qual, por sua vez, metamorfoseia-se a ponto de antagonizar todo o projeto antropocêntrico naquele espaço geográfico.

Um antagonismo muito semelhante é perceptível nas obras de Agualusa, o qual chega a ameaçar a sobrevivência das populações e de todo o ecossistema. Num exemplo remanescente do rio que flanqueia a Rua dos Mognos, o narrador descreve uma lixeira a céu aberto em Luanda, numa área que abrigara outrora uma lagoa, realçando deste modo a degradação ambiental (agravada pela seca) e a insalubridade da escassa água que sobra: “Água emergia de algum abismo, no centro, e corria solta, **até morrer entre montes de lixo** e barro, junto à parede dos prédios. Naquele local espreguiçara-se em tempos uma lagoa.” (2021, p. 46, ênfase minha). Note-se que, metaforicamente, o leito de morte da “fonte de vida” (água) afigura-se aqui na forma de **lixo** – a perene e funesta marca do Antropoceno, praticamente ubíqua nestas narrativas.

Em contraste com a tónica, de Su Tong, na industrialização desenfreada na China da segunda metade do século XX, Agualusa enquadra a degradação ambiental nas suas obras num contexto de grande turbulência social – em particular durante a Guerra de Independência Angolana e a Guerra Civil Angolana –, salientando, à feição de Su Tong, algumas circunstâncias agravantes de ordem sociopolítica e de negligência humana. Numa das passagens mais sombrias de *Estação das chuvas*, Agualusa descreve a destruição de ecossistemas na periferia de Luanda com particular pungência:

3. Todas as traduções para português dos excertos das obras de Su Tong, neste ensaio, são da minha autoria.

Aviões cegos [da Força Aérea Portuguesa] **bombardaram as florestas** do Norte durante quase seis semanas. [...] os quimbos [aldeias] arrasados pela fúria portuguesa, **os rios e as florestas devorados pelo fogo do napalm**. [...] encontraram **um bosque feito inteiramente de uma mesma cinza** [...]. Presos aos raminhos das árvores havia centenas de pequenos pássaros, igualmente de cinza morta [...] (2003a, p. 91, ênfases minhas).

Em Su Tong, a poluição atmosférica⁴ também é um dos fatores associados à degradação ecológica. Esta é sobretudo produzida pelo grande número de fábricas industriais na Zona Norte, onde se localiza a Rua dos Mognos, nas quais muitos dos seus moradores ganham a vida. Tal enquadramento é epitomizado na primeira frase do romance *Chengbei Didai*: “Três altas chaminés industriais são o símbolo da Zona Norte.”⁵ Importa salientar que as suas emissões poluentes são tão intensas que tendem a acumular-se nos peitoris das janelas das casas, chegando a atingir meia polegada de espessura no espaço de poucos dias (Su, 2013c, p. 1). Outro exemplo lamentável é a fábrica química situada no coração da Rua dos Mognos, cujas emissões tóxicas atormentam os que vivem nas proximidades:

O cheiro nauseante da fábrica química acompanha a brisa das noites de verão, infiltrando-se nas casas dos moradores através das redes das janelas, ora mais intenso, ora mais ténue. É como ter um pote de decocção medicinal a ferver junto à almofada. E, não raras vezes, há quem desperte durante a noite com a sensação de estar a ser asfixiado (Su, 2013c, 48-49).

2. A funesta relação com os animais

2.1. Especismo

Ao longo destas obras, o leitor é confrontado com imensas práticas especistas,⁶ representadas nos inúmeros animais explorados, aprisionados, maltratados e/ou mortos, por vezes com grande crueldade. Um dos episódios mais ilustrativos concerne uma série de animais de circo em *Huangque ji*, os quais são forçados a participar em espetáculos degradantes que envolvem a sua antropomorfização: os macacos desempenham o papel de trabalhadores da construção civil, um tigre atua como músico, um outro tigre (chamado Alegre) deseja felicidade e prosperidade financeira aos espetadores. A falta de escrúpulos dos proprietários do circo em apreço é de tal ordem que, aquando da sua falência, estes animais são colocados à venda sem a menor consideração pelo seu bem-estar nem pelo perfil dos futuros “donos” (Su, 2015, p. 173-176).

4. No que concerne à poluição atmosférica no *corpus* selecionado de Agualusa, não é representativa, sendo sucintamente mencionada na passagem em que Magno Monte e Maria Clara partem de Luanda, “[...] deixando para trás o ar sujo e ruidoso da capital [...]” (2021, p. 210, ênfase minha).

5. É curioso constatar o paralelismo que há entre estas chaminés “arvoriformes” e os mognos chineses que elas simbolicamente vêm substituir, algo que enfatiza, nestas obras, a degradação ambiental sob a forma de poluição atmosférica, fluvial e edáfica, desflorestação e outros efeitos nefastos da industrialização supracitada (SILVA, 2021, p. 26-27).

6. Richard D. Ryder, o criador do termo especismo, descreve este conceito como um tipo de discriminação contra outros animais pelo simples facto de serem de outra espécie, comparando-o com outros preconceitos como o racismo e o sexismo (2023, p. 10). Para um estudo aprofundado sobre este conceito, ver *Speciesism, painism and happiness*, do mesmo autor.

Curiosamente, a exploração performativa de animais num registo antropomorfizante também está representada em Agualusa, na figura de Fofó, um hipótamo-anão amestrado (encontrado “na floresta, ainda bebé, vigiando, desesperado, o cadáver da mãe”) que dança rumba zairense em pequenos espetáculos em Luanda. Além de ser ridicularizado destarte, é por vezes maltratado: o “hipopótamo, ainda que artista, assustava os moradores. Alguns, ao verem-no na varanda, atiravam-lhe pedras.” (2021, p. 100). Outro exemplo de práticas especistas é a mercantilização de animais, representada na venda de papagaios e aves exóticas africanas num centro comercial em Lisboa: o proprietário, Aristides Lobo d’África, gaba-se inclusivamente de este ser um bom negócio (2003a, p. 204).

A subjugação de não-humanos, aqui analisada, é remanescente da célebre frase ontológico-hierárquica de Heidegger “[...] *der Stein ist weltlos, das Tier ist weltarm, der Mensch ist weltbildend*”⁷ (1983, p. 273), a qual terá sido eventualmente influenciada pela premissa de Kant, em *Anthropologie in pragmatischer hinsicht* (1798): “*Daß der Mensch in seiner Vorstellung das Ich haben kann, erhebt ihn unendlich über alle andere auf Erden lebende Wesen.*”⁸ (1912, p. 11) Estes enunciados antroposupremacistas, além de descurarem um igualitarismo centrado na *zoe* e uma ética de convivência interespecies – invocada no “cosmopolitismo das espécies” de Pramod Nayar (2020, p. 205) –, demonstram bem a presunção humana/humanista que tem contribuído para a perpetuação do especismo até aos nossos dias. Também reforçam a importância da consolidação dos Estudos Críticos Animais (Critical Animal Studies) e de novas subjetividades em devir, não só na academia como também no imaginário coletivo dos humanos, com vista a impulsionar a mudança pós-humanista centrada na *zoe*, preconizada por intelectuais como Haraway, Braidotti e Herbrechter. Ainda a este respeito, Shuang Xu relembra-nos a importância da visão monística de Zhuangzi (c. 369 a.C. - 286 a.C.) na relação dos humanos com o meio ambiente, assim como de uma mundividência pan-igualitarista:

In Zhuangzi’s view, man is one of all things, and all things are different, but they are connected as one, and they are all the products of the Tao (Dao) 道; from this emerged the idea in the discussion on the equality of things (Qi wu lun 齊物論), according to which “one co-exists with Heaven and Earth, and is united with everything” [...] (2022, p. 70).

A perspectiva anti-especista de Agualusa é sublinhada na seguinte passagem: “Os homens ignoram quase tudo sobre os pequenos seres com os quais partilham o lar. Ratos, morcegos, baratas, formigas, ácaros, pulgas, moscas, mosquitos, aranhas, minhocas [...]” (2016, p. 29). Contudo, a displicência humana aqui descrita, reveladora de um inveterado narcisismo antropocêntrico, é talvez melhor aprofundada na voz do personagem José Buchmann:

7. “A pedra é desprovida de mundo. O animal é pobre em mundo. O ser humano é criador-de-mundo.” (tradução minha).

8. “O facto de o ser humano poder conceber o ‘Eu’ na sua própria representação eleva-o infinitamente acima de todos os outros seres vivos da Terra.” (tradução minha).

O estrangeiro comia com um apetite radiante, como se saboreasse não a carne firme do pargo mas a vida inteira dele [...].

«Um exercício interessante», disse, «é tentar ver os factos através do olhar da vítima. Por exemplo, o peixe que estamos a comer... generoso pargo, não é?... Já tentou ver este nosso jantar na perspectiva dele?»

Félix Ventura olhou para o pargo com uma atenção que até ao momento o pobre peixe lhe não merecera; depois, horrorizado, afastou o prato (2016, p. 48).

Fortemente associada a filósofos e intelectuais como Montaigne, Nietzsche⁹ e Haraway, a tradição anti-especista, em que Agualusa se insere, assume uma especial centralidade nos estudos pós-humanistas e na ontologia relacional interespecies. Esta conta já com uma longa tradição na academia, encontrando, inclusive, precedentes no pensamento do filósofo e proto-pós-humanista Wang Chong 王充 (27 - c. 97), o qual já havia contestado a posição privilegiada do ser humano no universo no primeiro século da nossa era, na sua obra-prima, *Lunheng* 論衡 (*Ensaaios críticos*): além de negar a primazia do Homem no universo, Wang Chong coloca-o ao mesmo nível das pulgas e dos piolhos (FORKE, 1907, p. 535-536)¹⁰.

2.2. Crueldade contra os animais

A crueldade contra os animais é quase ubíqua nos *corpora* selecionados. Um dos episódios mais relevantes ocorre quando o personagem Dasheng pisa o rabo de um gato para impedi-lo de fugir, matando-o de seguida por meio de golpes na cabeça com uma cantoneira enferrujada (SU, 2013c, p. 195-196).¹¹ Contudo, não é tanto a violência em si que distingue este episódio de tantos outros nestas narrativas, mas a reação de Honghai ao sucedido, bem reveladora do grau de crueldade evidenciado por muitos personagens perante o sofrimento dos animais: este diz a Dasheng que até ficou com dores de barriga de tanto rir enquanto o via matar o gato daquele modo (*ibid.*, p. 196-197).

Não obstante, algumas descrições de Agualusa não são menos explícitas:

Os rapazes eram **cruéis**. Uma vez puseram visgo num pequeno muro onde os pássaros costumavam pousar. [...] Quando já havia uns sete ou oito [passarinhos] a debaterem-se no muro, começaram a discutir o que haviam de fazer. Uns pretendiam **matá-los à pedrada**. Viriato queria comê-los.

9. Este contesta de forma acerba e categórica a fantasiosa “hierarquia dos seres” imposta pelo humano: “[o Homem] sentiu que, na hierarquia dos seres, ocupava uma posição falsa em relação ao animal e à natureza [...]” (1998, p. 132).

10. Vale a pena lermos a introdução de *Lun-hêng: philosophical essays of Wang Ch’ung*: “As regards man’s position in nature, Wang Ch’ung asserts that he is the noblest and most intelligent creature [...] **still he is a creature like others, and there exists no fundamental difference between him and other animals** (p. 202). Wang Ch’ung likes to insist upon **the utter insignificance of man**, when compared with the immense grandeur of Heaven and Earth. It seems to have given him some satisfaction to put men, who are living on Earth, **on a level with fleas and lice** feeding upon the human body [...] **In short, according to Wang Ch’ung, man does not occupy the exceptional position in the world which he uses to vindicate for himself. He has not been created on purpose, as nothing else has, the principle of nature being chance and spontaneity** (p. 103). The world has not been created for the sake of man.” (*Ibid.*, p. 20-21, ênfases minhas).

11. Como acontece a tantos outros animais nesta coleção, o seu cadáver acaba por ser lançado ao rio (*ibid.*).

[...] [Um rapaz chamado Rui Tavares tenta convencê-los a libertarem os passarinhos. Rosa-de-Porcelana, um] garoto de modos efeminados [...] apareceu com uma tesoura de podar:
– Queres soltar os passarinhos? Então vamos soltar os passarinhos.
E, enquanto os outros agarravam Rui Tavares, **cortou as pernas aos pássaros**. (2003a, p. 51, ênfases minhas).

Outro exemplo trágico é o do macaco que se refugia numa árvore próxima do apartamento de Ludovica, o qual é frequentemente vítima da crueldade humana: “As crianças atiram-lhe pedras, as mulheres perseguem-no com paus. Gritam com ele. Insultam-no” (2021, p. 55), havendo até quem lhe lance fruta envenenada (ibid., p. 83). Numa das cenas mais inesperadas do romance, Ludovica esfaqueia este macaco até à morte para o comer (ibid., p. 84). Esta brutalidade comportamental – característica do *Homo carnophallogocentricus* –, indissociável do contexto beligerante da época, deve ser compreendida à luz do ensaio “De la cruauté” (1580); neste, Montaigne argumenta que quem comete atos violentos ou bárbaros contra animais tem maior propensão para fazer o mesmo contra o próprio ser humano (1865, p. 450), visão que é partilhada por Cary Wolfe:

[...] *as long as this humanist and speciesist structure of subjectivization remains intact, and as long as it is institutionally taken for granted that it is all right to systematically exploit and kill nonhuman animals simply because of their species, then the humanist discourse of species will always be available for use by some humans against other humans as well, to countenance violence against the social other of whatever species – or gender, or race, or class, or sexual difference*¹² (2003, p. 8).

Esta violência contra animais, em conjunto com a desumanização de muitos personagens nestas obras, pode ser epitomizada pela observação de Mel Y. Chen: “*the brutal hierarchies of sentience in which only some privileged humans are granted the status of thinking subject.*” (2012, p. 43)

2.3. O extermínio/desaparecimento dos animais

O desaparecimento da fauna em Luanda deve-se, em grande medida, ao impacto da guerra civil e da seca. Durante o enclausuramento de Ludovica, esta observa que “[h]á anos que não via pombos, gaivotas, nem sequer algum pequeno passarinho despardalado. [...]” (2021, p. 82) É pertinente salientar que esta desaparecimento de aves dos céus de Luanda evoca o rescaldo, na China, das campanhas Mate-Pardais 打麻雀运动 e Quatro Pragas 除四害运动, conduzidas pelo regime maoísta durante a segunda metade da década de 1950, as quais levaram ao extermínio em massa de pequenos pássaros em boa parte do território chinês. Este contexto histórico não está dissociado do páthos ecológico das narrativas em análise – *Chengbei Didai* e “*Shujia xiong-*

12. Em *Teoria geral do esquecimento*, o genocídio dos mucubais – perpetrado pelos portugueses em 1940 –, ilustra bem este argumento (2021, p. 228).

di” decorrem precisamente na Era Maoista –, sendo até pressagiado por Su Tong num outro romance desta coleção¹³.

Figura 1 – Campanha das Quatro-Pestes (Ding Hao 丁浩, 1958).



Durante este período controverso, as autoridades chinesas denunciaram os pardais como “*public animals of capitalism*”, por comerem o fruto do trabalho árduo do proletariado, mobilizando toda a sociedade com vista à erradicação destes “*winged enemies of the revolution*” (GRIMES, 2020, p. 13). Este tipo de zoocídio tornou-se, tragicamente, um ato revolucionário e patriótico, digno de enaltecimento: um caso paradigmático da propaganda ao serviço do antropocentrismo e da zoo-necropolítica¹⁴. O consequente extermínio dos pardais e de inúmeros outros pássaros (em razão dos métodos indiscriminados) destabilizou o sistema ecológico em todas as províncias, provocando a proliferação de insetos que devastaram inúmeras colheitas. Esta revelou-se uma das causas da Grande Fome Chinesa (1959-1961), que terá vitimado entre 15 a 45 milhões de chineses (ibid., p. 14) – cerca de três a nove “Holocaustos” –, sendo considerada a fome mais mortífera da história da Humanidade¹⁵.

A húbris maoista – patente na máxima ultra-antropocêntrica, “o Homem triunfará sobre a natureza” (人定胜天), um dos slogans da Campanha das Quatro Pragas – veio expor não só a vulnerável interdependência entre humanos e não-humanos, como também o modo como o meio ambiente é capaz de cancelar todo o projeto antropocêntrico em casos extremos de “chauvinismo humano” e de falência ético-ecológica.

13. Mais precisamente em *Pusa man* 菩萨蛮 (*Bodisatva bárbaro*), na voz do personagem-narrador Hua Jindou: “[...] os pardais bicavam os restos de arroz nos campos e voavam estupidamente entre as linhas elétricas e os palheiros. Quando eu era criança, era o rei da captura-de-pássaros na região de Huacun. Despachava os ninhos um a um e matava todos os pássaros desenhados que via, com uma físga, com pedras ou com uma seta de bambu caseira. Até ao ponto em que os pássaros começaram a fugir ao avistar-me, sem deixar qualquer rasto.” (Su, 2004, p. 75, ênfases minhas).

14. Necropolítica (Achille Mbembe) aplicada à zoo.

15. Contudo, a China acabou por compreender a importância destas aves e chegou a importar pardais da URSS com vista a tentar reequilibrar os seus ecossistemas (Pantsov; Levine, 2013, p. 452).

O desaparecimento de animais não se restringe, porém, aos casos assinalados acima. Também os cães e os gatos em Luanda,¹⁶ e os peixes que outrora habitavam o rio contíguo à Rua dos Mognos, figuram neste tétrico inventário. No seu estilo cirúrgico, Su Tong elucida-nos de modo categórico: “Agora, obviamente que já não há peixes no rio. [...] vê-se petróleo, lixo e ratos mortos a flutuar à superfície das águas. Os peixes desapareceram completamente.” (2013c, p. 20-21).

Em Agualusa, além das consequências nefastas da guerra e da seca a que os animais estão sujeitos, a manifesta crueldade contra estes representa uma ameaça suplementar, como é notório no episódio em que os soldados matam desapidadamente os animais do jardim zoológico em Luanda:

Fui ao jardim zoológico, um sítio que conhecia desde criança. Os soldados haviam morto as gazelas, os pavões e as avestruzes para os comerem; os elefantes para lhes roubarem as presas, e os leões, os mabecos e os tigres, por puro prazer (2003a, p. 120).

Além destas atrocidades, importa salientar o impacto duradouro da guerra no meio ambiente, o qual está simbolizado no alarmante número de minas terrestres no território angolano – “[e]ntre dez a vinte milhões” (2016, p. 20) –, as quais constituem uma ameaça não só para humanos como para não-humanos.

3. Meio ambiente enquanto reflexo da decadência social e humana/humanista

A hecatombe ambiental em apreço constitui uma alegoria à decadência social e humana/humanista que permeia estas narrativas: ambas são, no fundo, fragmentos de um único mosaico estilhaçado, espelhando-se mutuamente. Este vínculo encontra respaldo no argumento de Braidotti, no contexto da polivocalidade ontológica do sujeito, sobre a interconexão que existe entre diferentes problemas sociais e ecológicos, como o efeito de estufa, o estatuto das mulheres, o racismo e o consumismo desenfreado (2013, p. 93). Herbrechter, numa análise ao filme *Planet of the apes* (1968) – célebre sátira invertida do Antropoceno –, vai mais longe ao afirmar que “[i]t seems that similarities between ‘speciesism’, racism and sexism are not only intended but absolutely necessary to safeguard the humanist system of values.” (2013, p. 140) A descrição que Su Tong faz do rio imundo e poluído – talvez o maior símbolo de decadência e morte nas suas obras – enquanto elemento “corrosivo” da vida na Rua dos Mognos assim o demonstra. Além disso, vale a pena mencionar que a pletora de exemplos em Su Tong, reveladora da ubiquidade da degradação do tecido social, pode ser encapsulada no conto-novela “Nanfang de duoluo” (“A decadência do Sul”), o qual, embora não conste do *corpus* selecionado, complementa a nossa análise através do comentário baudelairiano do narrador: “[...] a Rua dos Mognos já se tornou um símbolo de decadência” (2013b, p. 118).

16. “Os cães eram mais raros do que os pombos, e os gatos mais raros do que os cães. Os gatos foram os primeiros a desaparecer. Os cães resistiram nas ruas da cidade durante alguns anos.” (Agualusa, 2021, p. 82).

Em Agualusa, as descrições do declínio social, sobretudo durante o período pós-independência, não são menos contundentes. Tanto o impacto da guerra civil, como “o colapso dos serviços de água, de eletricidade e de recolha de lixo, as prisões em massa, os fuzilamentos” (2021, p. 219) e as demais tragédias associadas encontram uma forte expressão nestas obras.¹⁷ Esta decadência generalizada é talvez melhor descrita no último parágrafo de *Estação de chuvas*, enquadrado numa das fases mais caóticas e sangrentas da Guerra Civil Angolana, no início da década de 1990:

A cidade apodrecendo sem remédio. Os prédios com as entranhas devastadas. Os cães a comer os mortos. Os homens a comer os cães e os excrementos dos cães. Os loucos com o corpo coberto de alcatrão. Os mutilados de olhar perdido. Os soldados em pânico no meio dos escombros. E mais além as aldeias desertas, as lavras calcinadas, as turvas multidões de foragidos. E ainda mais além a natureza transtornada, o fogo devorando os horizontes. Disse:

– Este país morreu! (2003a, 221).

3.1. Analogia entre humanos e não-humanos

A frequente comparação metafórica entre humanos e não-humanos, nestas obras, reforça o vínculo de vulnerabilidade entre ambos. É o caso de Ludovica, a protagonista de *Teoria geral do esquecimento*, cuja fragilidade é comparada à de uma “ave caída na correnteza de um rio” (2021, p. 39) e à de “uma tartaruga a quem tivessem arrancado a carapaça” (*ibid.*, p. 13). Num registo perfeitamente simétrico, a vulnerabilidade da personagem Bai – personificação da China moderna (Silva, 2021, p. 31) – é equiparada à de “um coelho preso numa gaiola da cor do céu” (Su, 2015, p. 278) e à de um peixe apanhado numa rede de pesca:

Ela [Bai] parecia um peixe irrequieto, julgando que já tinha nadado para longe, apenas para se dar conta de que tudo não passava de uma ilusão. Apesar de tanto nadar, nunca conseguiu escapar à rede de pesca desta cidade [Suzhou].

Os edificios elevados engoliram a sua sombra. A enorme rede de pesca está sempre presente, ora mostrando alguma indulgência, ora preparando-se para pescá-la. O seu corpo já começa a exalar um cheiro indelével a peixe. Não, antes ser peixe, pelo menos estes têm o oceano para si. Quanto ao oceano dela, já secou completamente (Su, 2015, p. 223).

É importante salientar que a “enorme rede de pesca”, que assombra a cidade de Suzhou, é remanescente da descrição, em *Estação das chuvas*, dos céus de Luanda “transformado[s] numa imensa armadilha” (2003a, p. 17). Este paralelismo entre os tropos da “gaiola da cor do céu” e dos céus de Luanda armadilhados ilustra bem o sentimento generalizado de clausura e opressão – acentuado pelas inúmeras referências a gaiolas e jaulas, assim como pelo elevadíssimo número

17. O impacto traumático nas populações é inequívoco: “Você esteve muito tempo fora, a viajar, não faz ideia daquilo por que passámos neste maldito país. [...] É uma feira de loucos, esta cidade [Luanda], há por aí, por essas ruas em escombros, por esses musseques em volta, patologias que ainda nem sequer estão catalogadas.” (2016, p. 168).

de reclusos – que impregna todas estas narrativas, e que está intimamente associado à temática da decadência social e humana/humanista. Além disso, este sentimento é, por vezes, vinculado metaforicamente ao enclausuramento e subjugação de não-humanos, como no caso da sugestiva descrição do manicómio em *Huangque ji*, no qual muitos pacientes, além de aprisionados contra a sua vontade, são comparados a animais num açougue: “[...] os outros pacientes encontram-se amarrados às suas camas com correias ou correntes [...] e berram como gado num matadouro, sem a menor dignidade” (SU, 2015, p. 37).¹⁸ Interessa realçar que a condição subjugada destes e de tantos outros personagens, evoca o *homo sacer* agambeniano – por estarem reduzidos a uma “vida nua” (*bare life*)¹⁹ –, o que, no quadro análogo entre humanos e não-humanos aqui apresentado, nos leva a alargar o espetro para a categoria do *zoe sacer*.²⁰ Esta parece, aliás, encontrar algum respaldo nas palavras de Agamben, no contexto da constituição da máquina antropológica (mesmo que esta implique a expulsão do animal do seu âmago): “*What would thus be obtained, however, is neither an animal life nor a human life, but only a life that is separated and excluded from itself – only a bare life.*” (2004, p. 38).

Mesmo quando o tropo da “gaiola”/prisão é ilusivamente desconstruído, a marca de cativeiro mantém-se incólume. É o caso da descrição abaixo, que deve ser interpretada à luz das noções foucaultianas de prisão e subjugação espiritual numa sociedade disciplinar²¹ (Foucault, 1975, p. 22, 34, 211) – cuja definição é, em grande medida, congruente com as sociedades chinesa e angolana nos períodos em apreço –, claras agravantes da vulnerabilidade dos personagens destas narrativas.

Em criança tirei um pássaro de dentro de uma pequena gaiola. O pássaro não voou. Ficou ali andando aos círculos, aos círculos, aterrorizado com a largueza do mundo e a responsabilidade enorme de ter de sobreviver por si. Quando me libertaram eu senti-me assim. Vagueava pelas ruas sem rumo certo. Também tinha dificuldade em reconhecer as coisas e as pessoas. Aquela cidade já não pertencia ao meu organismo, era uma prótese (Agualusa, 2003a, p. 201).

A analogia entre humanos e não-humanos também está representada numa série de evocações a subjetividades associadas ao “devir-animal”. O caso do sonho de Ludovica, em *Teoria geral do esquecimento*, é paradigmático:

18. Outro caso peculiar é o de Qu Ying, cujo quarto de cama é uma jaula no interior de um circo (SU, 2015, p. 179).

19. Para um estudo aprofundado destes conceitos, ver *Homo sacer: sovereign power and bare life*.

20. Esta expressão foi cunhada por Gabriel Setright: “In contrast with *Homo Sacer*, sacred animals, what I am calling *Zoe Sacer*, are lower in the priorities of the anthropocentric State and are killed at exponentially higher rates.” (2015, p. 170) No entanto, eu uso-a com letras minúsculas conforme a escolha tipográfica de Agamben (*homo sacer*).

21. A *société disciplinaire* representa a sociedade convencional e normativa em que, no momento da introdução do termo (1975), Foucault acreditava que ainda vivíamos (*ibid.*, p. 318). Esta tem como eixos centrais as prisões (o seu elemento mais conspícuo), as fábricas, as escolas, os quartéis militares e os hospitais (*ibid.*). Enquanto mecanismos de exercício do poder, estas instituições estabelecem um *continuum* entre o sistema carcerário e todo o tecido social (*ibid.*, p. 304, 309-310), permitindo a imposição de uma ordem baseada na doutrinação, na vigilância panóptica, em regulamentos coercivos e em leis penais (*ibid.*, p. 276, 306-308). Foucault argumenta ainda que, neste tipo de sociedade, as “almas” daqueles que são vigiados são instrumentalmente subjugadas de modo a que, por sua vez, contenham e “aprimorem” os próprios corpos individuais – “l’âme, prison du corps” –, assegurando assim a perpetuação da estrutura de poder (*ibid.*, p. 22, 34). Note-se que as prisões (em ambos os autores) e as fábricas (em Su Tong) têm uma presença pervasiva nestas narrativas.

Dormi. Dormindo sonhei que dormia. Árvores, bichos, uma profusão de insetos partilhavam os seus sonhos comigo. Ali estávamos todos, sonhando em coro, como uma multidão, num quarto minúsculo, trocando ideias e cheiros e carícias. Lembro-me que fui uma aranha avançando contra a presa e a mosca presa na teia dessa aranha. Senti-me flores desabrochando ao sol, brisas carregando pólenes (2021, p. 43).

Este *clin d'œil* ao trabalho de Deleuze e Guattari estende-se ainda ao narrador-personagem de *O vendedor de passados*: outrora um ser humano, a sua alma transmigrou, por via da metempsicose, para o corpo de uma osga-tigre, que partilha a casa com o protagonista do romance.²² A título complementar, Luana Barossi sustenta, com grande relevância para este ensaio, que a exploração do devir em Agualusa tem o potencial de **moldar a mundividência** do leitor (2017, p. 84).

Ambos os romances [*O vendedor de passados* e *Teoria geral do esquecimento*] explicitam relações entre humanos e animais e até mesmo desconstruções da roupagem e das codificações que definiriam epistemologicamente o que é o humano de maneira a produzir sequências narrativas que, se lidas sob a perspectiva do devir, podem metamorfosear as próprias concepções de mundo do leitor (2017, p. 84).

3.2. Relação humano – não-humano – lixo

Figura 2 – *L'Homme-déchet* (autor do presente artigo, 2025)



A *collage* do célebre Homem Vitruviano, representada na figura 3., pretende chamar a atenção para os efeitos nocivos associados ao narcisismo ruinoso do *Homo carnophallogocentricus*, e para o facto de este, em última análise, estar condenado a partilhar o mesmo destino que o lixo. Ademais, se considerarmos o postulado do monismo espinosista preconizado por Braidotti de que o humano é uno com o meio ambiente envolvente, somos forçados a reconhecer que existe uma continuidade, e até mesmo uma porosidade, entre o humano e a quantidade imensa de lixo que produz. Esta observação poderá, porventura, parecer excessiva aos olhos dos antroponegacionistas, mas o simples facto de o corpo humano já ser composto de inúmeras partículas de micro-lixo (microplásticos) deveria ser uma advertência para moderarem a sua visão planglossiana.

22. O interesse de Agualusa por metamorfoses tropológicas e a sua confessa influência kafkiana não passam despercebidos no conjunto da sua obra: “Passei o resto da tarde a pensar em Gregor Samsa, coitado, a despertar depois de uma noite inquieta, transformado num gigantesco insecto.” (2003b, p. 144).

É neste enquadramento que devemos analisar o trinómio “humano – não-humano – lixo”, o qual constitui, a meu ver, um dos aspetos mais profícuos e heurísticos destas obras no âmbito dos estudos pós-humanistas. Este realça a profunda insignificância da vida nestas narrativas, assim como o facto de a “descartabilidade” ser uma consequência comum a humanos e não-humanos – um traço distintivo do pós-antropocentrismo (Braidotti, 2013, p. 71).²³ Importa salientar que a inclusão de não-humanos neste trinómio, embora mais explícita em Su Tong – inúmeros cadáveres de animais surgem a flutuar no rio entre o lixo, e outros tantos são colocados em contentores de lixo e em esgotos (2013a, p. 49; 2013c, p. 20-21, 110-111, 194, 196) –, não pode ser desconsiderada em Agualusa, tanto pela sua condição menosprezada e “descartável”, como pelo próprio tratamento hostil, segregante e excludente (no melhor dos cenários) que lhes é dispensado.

Para enfatizar o binómio humanos – lixo, Su Tong recorre a diversas cenas alusivas. É o caso de Hanli, uma mulher grávida que é encontrada morta no rio imundo (2013a, p. 67) – vale a pena referir, a título parentético, que este episódio não é único na coleção *Rua dos Mognos*, uma vez que, no conto-novela “Nanfang de duoluo” (“A decadência do Sul”), o narrador chega a comparar o cadáver flutuante de uma (outra) mulher grávida a “lixo industrial” (2013b, p. 114). Bai, a protagonista de *Huangque ji*, também está grávida quando se lança ao rio poluído para tentar suicidar-se, acabando por ser igualmente comparada a “lixo flutuante” (2015, p. 299). Estas três situações trágicas reforçam não só o binómio humano – lixo, como também a simetria metafórica entre a destruição da figura materna e a degradação do rio, cuja conotação feminina (“berço de civilizações”) acrescenta uma camada tropológica suplementar.

Para proveito deste estudo comparatista, Agualusa também nos surpreende ao germanar cadáveres e lixo: “O cheiro dos mortos era uma coisa ao mesmo tempo sólida e dispersa. [...] Eu avançava concentrado, de cabeça baixa, em parte por causa do cheiro, em parte para não tropeçar no lixo, nos corpos misturados com o lixo.” (2003a, p. 217). Note-se que Agualusa não usa uma conjunção aditiva para agregar as duas últimas orações, reforçando assim o vínculo entre os cadáveres e o lixo. Outra particularidade relevante, neste autor, concerne aos casos em que cidadãos são descartados como “lixo”. É disso exemplo a seguinte passagem:

A Revolução estava em perigo. [...] Fizemos o que havia a fazer. Quando uma laranja apodrece tiramo-la do cesto e deitamo-la no caixote de lixo. Se não a deitarmos fora todas as outras apodrecem. Deita-se fora uma laranja, deitam-se fora duas ou três, e salvam-se as restantes. Foi o que fizemos (2016, p. 180).

Além destes exemplos, é imperativo referir os diversos personagens que vivem junto ou entre o lixo (2021, p. 77, 163-164), os quais reforçam sobremaneira o vínculo supracitado. É o caso de vários meninos de rua e de Edmundo Barata dos Reis, o qual vive, como o próprio nome kafkaesco insinua, à feição de uma barata, no interior de uma sarjeta que é descrita como

23. Pese embora a “descartabilidade”, aqui, não esteja apenas associada à mercantilização geral dos seres vivos.

um “buraco imundo” (2016, p. 196). Finalmente, para concluir o deplorável inventário, nem o prédio onde vive a protagonista escapa a este flagelo: os residentes “jogam o lixo na caixa dos elevadores. Tem lixo quase até lá acima.” (2021, p. 77).

Conclusão

O presente ensaio expõe a relevância das principais temáticas exploradas por Su Tong e José Eduardo Agualusa – como a destruição ambiental, o especismo, a subjugação da *zoe* e a hibridizade entre os humanos/não-humanos e o lixo –, no contexto da ecocrítica e dos estudos pós-humanistas. A degradação ecológica, ubíqua nestas obras, é apresentada, em Su Tong, como uma consequência da industrialização desenfreada na China, na segunda metade do século XX, ao passo que, em Agualusa, a mesma é enquadrada no contexto de grande turbulência social (acentuada por períodos de seca), associada à Guerra de Independência de Angola e à Guerra Civil Angolana. Contudo, ambos os autores não descuram algumas circunstâncias agravantes de ordem sociopolítica, nem a displicência humana em relação ao meio ambiente.

Do prisma da ecocrítica, a metonímia espectral, explorada por Su Tong, assume um papel importante, representando um interessante recurso tropológico com o potencial de veicular novas perspectivas ecocríticas de um modo heurístico e criativo, enfatizando não só a degradação ambiental como o próprio sentimento de “perda” no seio da relação monística do ser humano com a natureza. Além disso, o seu grau de velamento é especialmente profícuo em países onde a exposição da degradação ecológica, seja nas artes ou na literatura, é considerada inconveniente ou censurável, por expor o impacto negativo das políticas do Estado no meio ambiente.

Demonstra-se ainda que o especismo, a crueldade para com os animais e o desaparecimento/extermínio destes revela-se, nestas obras, um dos fatores mais destabilizantes dos ecossistemas. Estes estão igualmente espelhados na categoria *zoe sacer*, a qual ilustra bem a vulnerabilidade partilhada entre humanos e não-humanos. Além disso, o sentimento de clausura e opressão, bastante vincado em ambos os autores, e altamente evocativo das noções de prisão e subjugação espiritual de Foucault, está patente nas alegorias da “gaiola da cor do céu”, da “rede de pesca” e dos céus de Luanda “transformado[s] numa imensa armadilha”, assim como nas inúmeras referências a prisões e na condição cativa de muitos destes personagens.

Finalmente, na última secção do ensaio, é demonstrado que o trinómio humano – não-humano – lixo, explorado por Su Tong e Agualusa, coloca em evidência a insignificância e a “descartabilidade” tanto de humanos como de não-humanos. A este respeito, eu argumento que se trata de um dos aspetos mais pertinentes e heurísticos no âmbito dos estudos pós-humanistas, no trabalho destes autores, o qual enfatiza os excessos do humanismo acrítico, a vulnerabilidade dos humanos e não-humanos, e ainda a cesura holística entre a sociedade antropocêntrica e o meio ambiente.

A título conclusivo, o obituário ambiental explorado neste ensaio, num sentido mais amplo, além de chamar a atenção para a perniciosidade do humanismo e das suas consequências mais nefastas, constitui o memorando necrológico anunciado do Antropoceno. Resta saber se os humanos farão parte da era que o sucederá.

Bibliografia

- AGUALUSA, José Eduardo. *Estação das chuvas*. Lisboa: Visão e Publicações Dom Quixote, 2003a.
- AGUALUSA, José Eduardo. A vida escrita. In: *Catálogo de sombras*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2003b, p. 139-144.
- AGUALUSA, José Eduardo. *O Vendedor de passados*. Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2016.
- AGUALUSA, José Eduardo. *Teoria geral do esquecimento*. Lisboa: Quetzal Editores, 2021.
- BAROSSO, Luana. A zoo(po)ética de Agualusa. *Ilha do Desterro*, v. 70, n. 2, p. 83-91, 2017.
- BRAIDOTTI, Rosi. *The posthuman*. Cambridge: Polity Press, 2013.
- CHEN, Mel Y. *Animacies: biopolitics, racial mattering, and queer affect*. Durham: Duke University Press, 2012.
- FORKE, Alfred. *Lun-hêng: philosophical essays of Wang Ch'ung*. Leipzig: Otto Harrassowitz, 1907.
- FOUCAULT, Michel. 1975. *Surveiller et punir : naissance de la prison*. Paris: Gallimard.
- GRIMES, David Robert. *The irrational ape: why flawed logic puts us all at risk and how critical thinking can save the world*. Londres: Simon & Schuster, 2020.
- HEIDEGGER, Martin. *Die grundbegriffe der metaphysik: welt, endlichkeit, einsamkeit*, v. 29-30. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1983.
- HERBRECHTER, Stefan. *Posthumanism: a critical analysis*. Londres: Bloomsbury, 2013.
- KANT, Immanuel. *Anthropologie in pragmatischer hinsicht*. Leipzig: Verlag von Felix Meiner, 1912.
- NAYAR, Pramod. Revisitando o humano: humanismos críticos”. In: BERNARDINO, Lídia; FREITAS, Marinela; SOEIRO, Ricardo Gil. *Pós-humano. Que futuro? Antologia de textos teóricos*. V. N. Famalicão: Húmus, 2020, p. 157-206.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Trad. Maria Helena Rodrigues de Carvalho, Maria Leopoldina de Almeida e Maria Encarnação Casquinho. Lisboa: Relógio d'Água, 1998.
- MONTAIGNE, Michel de. *Essais de Michel de Montaigne. Tome deuxième*. Paris: Garnier Frères, Libraires-Éditeurs, 1865.
- PANTSOV, Alexander V; LEVINE, Steven I. *Mao: The Real Story*. Nova Iorque: Simon & Schuster, 2013.
- RYDER, Richard D. Speciesism and painism: some further thoughts. *Etyka*, v. 59, n. 1-2, 2023, p. 10-19. DOI: <https://doi.org/10.14394/etyka.1305>. Disponível em <https://etyka.uw.edu.pl/index.php/etyka/article/view/1305/1276>. Acesso em 26 janeiro 2025.
- SETRIGHT, Gabriel Perez. Monkey-wrenching the anthropological machine. *Auspex. Interdisciplinary Journal of Undergraduate Research*, v. 4, 2015, p. 157-182. Disponível em: <http://repository.warren-wilson.edu/server/api/core/bitstreams/5949d726-ed91-4411-ba56-9f44637f92ec/content>. Acesso em 31 janeiro 2025.

SILVA, Flávio. Under the veil of captivity: the metaphorical universe of Su Tong's Mahogany Street series". *Perspectives in the Arts and Humanities Asia*, v. 11, n. 1, 2021, p. 17-50.

SU, Tong. Shujia xiongdi 舒家兄弟 (Os irmãos Shu). In: *Ciqing shidai 刺青时代 (A era das tatuagens)*. Shanghai: Shanghai wenyi chubanshe, 2013a, p. 39-82.

SU, Tong. Nanfang de duoluo 南方的墮落 (A decadência do Sul). In: *Ciqing shidai 刺青时代 (A era das tatuagens)*. Shanghai: Shanghai wenyi chubanshe, 2013b, p. 83-118.

SU, Tong. *Chengbei Didai 城北地帶 (Zona Norte)*. Shanghai: Shanghai wenyi chubanshe, 2013c.

SU, Tong. *Pusa man 菩薩蠻 (Bodisatva bárbaro)*. Shanghai: Shanghai wenyi chubanshe, 2004.

SU, Tong. *Huangque ji 黃雀記 (Crónica do pintassilgo-verde)*. Beijing: Zuoja chubanshe, 2015.

WOLFE, Cary. *Animal rites: American culture, the discourse of species, and posthumanist theory*. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.

XU, Shuang. The writing of inner/outer world and ecopoetics in contemporary Chinese poetry: an analysis of Zang Di's poetic creation. Trad. Riccardo Moratto. In: MORATTO, Riccardo; PESARO, Nicoletta; CHAO, Di-kai (org.). *Ecocriticism and Chinese literature: imagined landscapes and real lived spaces*. Londres: Routledge, 2022, p. 70-83.